



## A luta urbana

Alexandre Santos

Poema composto em 1º de agosto de 2005, sobre a degradação da vida das pessoas nas cidades brasileiras em função do regime liberal adotado pelo governo de então.

O surdo-mudo mercador.  
Joga a flanela no retrovisor.  
Cabide de choro e lamento.  
E corre contra o fluxo. Corre contra o tempo.

A criança cola o rosto na janela fechada  
Sonha uma moeda, uma lufada gelada.  
'Não' diz o prisioneiro da ignorância.  
'Não' chora a alma da santa infância.

Cansado, com o corpo moído,  
o menino-pedinte e o papel encardido.  
'Não roubo, nem cheiro cola'.  
Mensagem clara a quem nada controla.

Surge um malabarista na ribalta.  
O mestre gira um bastão incandescente.  
Cena rápida que vai e volta.  
Cena rápida do artista impaciente.

Sem aviso ou encomenda,  
o rapaz tenta a prenda.  
Um esguicho, um pára-brisa.  
O tostão que escandaliza.

A moça solta a propaganda.  
Apartamentos com suíte e varanda.  
Na luta para sobreviver,  
um sonho que nunca vai ter.

O ambulante sorridente  
circula gentil e sedutor.  
Oferece a fruta reluzente  
sob o sol, calor e sabor.

O mendigo diabético.  
Lento, cego e purulento.  
Clama um gesto ético  
do mundo que o faz violento.

Recife, 1º de agosto de 2005.